

A COMPARAÇÃO ELIDIDA: A MEMÓRIA DE BRODIE

Raúl Antelo

To be premature is to be perfect.

OSCAR WILDE

Ser um precursor é ver aquilo que nossos contemporâneos estão constituindo no momento como pensamentos, como consciência, como ação, como técnicas, como formas políticas, vê-los como os veremos um século mais tarde.

JACQUES LACAN

Em seu ensaio sobre “Tres formas del eterno regreso”, Jorge Luis Borges pondera que “en tiempos de auge la conjetura de que la existencia del hombre es una cantidad constante, invariable, puede entristecer o irritar; en tiempos que declinan (como éstos) es la promesa de que ningún oprobio, ninguna calamidad, ningún Hitler, podrán empobrecernos”.¹ Pouco depois, analisando o propósito de Nietzsche ao escrever *Assim falou Zaratustra*, admite que ninguém deve ter deixado de reparar que essa obra é uma imitação formal dos textos canônicos orientais embora ninguém tenha ainda esgotado o sentido de conceber a história universal como interminável e periódica. Os detratores de Nietzsche postulam, nesse retorno cíclico, “una confusión humana, harto humana, entre la inspiración y el recuerdo, cuando no entre la inspiración y la transcripción”. Mais implacáveis ainda, os defensores de Nietzsche apressam-se a justifi-

1. BORGES, Jorge Luis. “Tres formas del eterno regreso”. *La Nación*. Buenos Aires, 14 dez. 1944.

car a repetição ora pela surpreendente ignorância do filósofo, ora por sua tendência ao “mero adorno retórico, una suerte de adjetivo o de énfasis. Olvidan o simulan olvidar la trágica importancia que Nietzsche atribuyó a ese adorno”.²

Os críticos de Borges parecem reincidir nos mesmos passos e interpretam os cíclicos retornos de suas ficções, ora como postulações da irrealidade, ora, mais recentemente, como peculiares postulações da realidade.³

Borges, leitor de Nietzsche, detem-se, por sua vez, numa passagem deste em que Zaratustra condena toda experiência legada aos pósteros como religião. Ela deve, porém, infiltrar-se lentamente, trabalhada por muitas gerações porque a idéia mais alta exige sempre tempos longos; de início, deve ser pequena e até sem força, simples, árida quase, por prescindir da eloquência, para, a longo prazo, ser a religião dos mais livres, mais altos e mais serenos. Aí julga Borges encontrar a explicação do mistério recorrente de uma memória que não se apaga. Aí, poderíamos extrapolar, há algo da memória de Borges que vibra em sintonia. “El tono inapelable, apodíctico, los infundados anatemas, las énfasis, la ambigüedad, la preocupación moral [...] las repeticiones, la sintaxis arcaica, la deliberada omisión de toda referencia a otros libros, las soluciones de continuidad, la soberbia, la monotonía, las metáforas, la pompa verbal, tales anomalías de Zaratustra dejan de serlo en cuanto recordamos el extraño género literario a que pertenece [...] A veces lo juzgamos como si fuera un libro dialéctico; otras como si fuera un poema, un ejercicio desdichado o feliz de noble prosa bíblica. Olvidamos, propendemos siempre a olvidar, el enorme propósito del autor: la composición de un libro sagrado, un evangelio que se leyerá con la piedad con que los evangelios se leen”.⁴

No prefácio a seu último livro de relatos, em que o ofício do velho reescreve o brilho genial do moço, Borges define essas ficções (aí incluída “O evangelho segundo Marcos”, a seu ver, a melhor da série) como relatos *realistas*, exceção feita, apenas, àquela que dá título ao volume. Beatriz Sarlo, ao analisá-la, inclina-se por uma chave oblíqua de leitura dizendo que “*El informe de Brodie* despliega una mezcla perturbadora de filosofía política en situación ficcional. El argumento de Borges remite a una pregunta sobre el buen orden de la sociedad y para exponerlo eligió una estrategia de género que lo ubica en la tradición e los viajeros filosofantes, pero, al mismo tiempo, introduce modificaciones en esa tradición: mientras Gulliver no es ambiguo respecto de sus Yahoos (porque puede compararlos con los virtuosos Houyhnhnms), Brodie presenta un juicio enigmático e inestable sobre sus propios ‘Yahoos’, porque, pese a su natura-

2. Idem. “El propósito de Zaratustra”. *La Nación*. Buenos Aires, 15 out. 1944.

3. No primeiro time, com avaliação positiva, o ensaio pioneiro de Ana Maria Barrenechea; com avaliação negativa, a leitura da geração da revista *Contorno*. No segundo time, descontadas as leituras de uma “história pessoal”, à maneira de Didier Anzieu ou Rodríguez Monegal, estão as que reescrevem uma história universal em que Borges reencontraria seu destino sulamericano, como a análise da “Biografía de Tadeu Isidoro Cruz”, praticada por Davi Arrigucci em *Enigma e comentário*, ou sua reincidência, em plano mais geral, em *Out of context: Historical Reference and the Representation of Reality in Borges* de Daniel Balderston.

4. Idem. “El propósito de Zaratustra”, op. cit.

5. SARLO, Beatriz. “Borges pregunta sobre el orden”. *Punto de vista*, a. 15, n. 43, Buenos Aires, ago. 1992, p. 20.

leza (bestial o decadente) lograron construir la forma de un orden, lo que significa responder a la pregunta política”.⁵

Creio, sem contestar essas leituras, poder me colocar ao lado e interpretar as ênfases e repetições, a sintaxe arcaica e as preocupações morais, a ambiguidade e a pompa verbal como uns tantos indícios do gênero a que pertence *O relatório de Brodie* e, em consequência, a própria ficção de Borges. Nem dialética, nem poética, sua escritura imita a composição de um livro sagrado, o Livro. Nela o retorno desenha a forma de um conteúdo que é a diferença. Em tempos de declínio como o nosso, nos bastidores desse *Theatrum philosophicum*, mexem-se as peças de uma contra-utopia negativa.

Ponto de convergência mas, ao mesmo tempo, linha de fuga, o texto de Borges escreve sua própria leitura. Não nos oferece uma teoria da desmemória mas nos persuade de que há saber no esquecimento porque esquecimento e epifania (eu e tu) são fenômenos mais do que contíguos: eles são simultâneos.

A escritura de Borges, sabemos, deslê, de várias formas, a dos predecessores. No fragmento 1072, “A inocência do devir”, de Nietzsche, temos já a memória de Brodie: “Qué hago al borrar estas páginas. Velar por mi vejez registrar para el tiempo, cuando el alma no puede emprender nada nuevo, la historia de sus aventuras y de sus viajes de mar. Lo mismo que me reservo la música para la edad en que esté ciego”.⁶ Mas, muito amiúde, nós encontramos Borges deslendo um anarquista estético como Valéry. Na idéia de que a operação crítica capital é a determinação do leitor, uma vez que “le lecteur actif fait des expériences sur les livres – il essaye des transpositions”. Na noção de texto como transformação, já que a obra, “elle dure pour s’être transformée”. Na convicção de que ficção é tudo quanto não existe nem subsiste sem causa expressiva porque tem “la parole pour cause”. Valéry entendia que se começa escrevendo os próprios desejos e se acaba escrevendo Memórias. “On sort de la littérature et on y revient”. Borges, por sua vez, escreveu uma parábola para ilustrar que “en el principio de la literatura está el mito y asimismo en el fin”. Nominalistas e anti-realistas, Borges e Valéry indiferenciam escritura de tradução. Não acreditam na originalidade, *affaire d’estomac* que faz com que “todo lo que comemos es, a la larga, carne humana”, como nos diz o Dr. Brodie, isto porque ambos descreem de um sujeito unificado pela razão. Borges e Borges; Valéry e M. Teste. Eis uma leitura infame sugerida pelo próprio Borges: atribuir maior valor aos textos de Mme Teste ou aos dos amigos de Edmond do que aos dele próprio. Ao mais-que-perfeito M. Teste, um Leonardo de *ostinato rigore*, Borges confessa preferir a irregularidade de Whitman, autor de filantrópicas rapsódias, compos-

6. Cf. “Algunos pareceres de Nietzsche”, *La Nación*. Buenos Aires, 11 fev. 1940.

tas “en función de un yo imaginario, formado parcialmente de él mismo, parcialmente de cada uno de sus lectores”. Whitman mas não Valéry, de quem, aliás, se pode dizer, como de Shakespeare, *he is nothing in himself*. Brod (e não Kafka) e ainda Brodeur, o tradutor inglês das kenningar: todos Brodies, nada em si mesmos, meros Borges e não Borges.

* * *

Numa conferência sobre o poeta e a escritura,⁷ Borges tentou ilustrar o árduo processo prototextual que o levou a redigir, em 1980, um relato póstumo (o último conto de Borges) que, de fato, vinha se escrevendo em muitos outros textos prévios. Disse o autor, na ocasião, que “A memória de Shakespeare” se revelou a ele durante um sonho, um sonho arrevesado que tivera, muito antes, talvez em 1972, quando lecionava em East Lansing, no Michigan.

7. BORGES, Jorge Luis. “El poeta y la escritura. *Clarín*, Buenos Aires, 26 jan. 1989. Trata-se de uma conferência, na Sociedade Hebraica Argentina, de 1982.

Acordei de um sonho confuso e lembrei de uma frase (contei tudo a Maria Kodama); essa frase (acho que a ouvi em inglês) era *I’m about to sell you Shakespeare’s memory* (“Estou a ponto de lhe vender a memória de Shakespeare”). Não sei qual era o resto do sonho, o contexto se perdeu para sempre mas ficou essa frase “A memória de Shakespeare”. Não é a memória de Shakespeare no sentido da fama de Shakespeare, isso teria sido muito trivial; também não é a glória de Shakespeare, mas a memória pessoal de Shakespeare. E isso serviu de estímulo para um conto, que teve a forma de outros contos meus, porque embora eu não pense na memória de Shakespeare como algo precioso, para os fins patéticos de um conto, convém que seja algo precioso, ou mesmo, terrível. Quer dizer, voltei a uma forma, a um esquema, que usei em muitos contos. Por exemplo, em “O Zahir”, não sei se estão lembrados. Esse conto teve origem na palavra “inesquecível”, que usamos continuamente. Pensei que seria terrível não poder esquecer alguma coisa, estar refletindo continuamente em torno disso, então me ocorreu que, para os efeitos literários de meu relato, era conveniente que essa coisa fosse aparentemente comum, porque se a gente vê a quimera, que tem três cabeças, ou o unicórnio, um cavalinho branco com um chifre, ou um minotauro, um homem com cabeça de touro, ou como queria Dante, um touro com cabeça humana, é natural não se esquecer. Pensei em algo muito comum, pensei em uma moeda de vinte centavos que, a diferença de seus milhares de irmãs, fosse inesquecível, e um homem não

pudesse esquecê-la, até o ponto de não poder pensar em outra coisa. Assim saiu o conto “O Zahir”. Depois usei esse mesmo método em outros contos meus; por exemplo, em “O livro de areia”, que é um livro infinito; num primeiro relance, um livro infinito parece ser um tesouro mas chega a enlouquecer quem o possui. E depois em “O Aleph”. Nesse conto eu parti do conceito de eternidade; é a idéia (é claro, falsa talvez) de que pode existir um instante em que está todo o passado, todos nossos objetos, como disse Shakespeare, e todo o porvir: todo o tempo em um único instante. E levei essa idéia a uma categoria menos importante, ao espaço, e pensei em um ponto onde estivessem contidos todos os pontos do mundo, e assim escrevi o conto “O Aleph”. É a mesma idéia de um dom precioso que acaba sendo terrível. E escrevi esse outro conto, “A memória de Shakespeare”; claro que o critério da venda me pareceu mesquinho, era melhor a idéia e um dom misterioso. Escolhi um professor alemão que tinha o culto de Shakespeare, um estudioso de Shakespeare a quem é dado, de um modo misterioso, possuir a memória pessoal de Shakespeare.

A venda, mesquinha, só poderia produzir um *Nome falso*; por isso Borges escolhe a doação e a memória de Shakespeare tem a forma do relatório de Brodie. Em um texto como o de Borges, pervertido pela ninharia da personalidade, leitores como Sylvia Molloly entendem que a leitura da memória e a memória da leitura oferecem uma sutil continuidade: elas permitem que o sujeito que as põe em prática atualize uma autoridade fugaz e reversível – a do idêntico – de tal sorte que texto e memória funcionam como depósitos de lixo ou, nas palavras do memorioso Funes, “como un vaciadero de basuras”. Cabrera Infante associa justamente o nome da personagem borgiana ao de outra, não menos memorável, feita também de pura memória: o Mr. Memory de *39 Steps*. Aliás, esse Mr. Memory, que é a memória entendida como espetáculo, tudo relembra e demonstra até que ponto recordar é trivializar ou, ainda, tornar a viver, como num memorial. A vida está cheia de memória; a morte, porém, é o descanso no esquecimento.

O declínio da memória revela uma subjetividade já perdida por definição e que, por sua vez, se desdobra em uma ficcionalidade mínima (a impossível imaginação das origens) e uma ficcionalidade máxima (a liberdade de fingir uma origem). Nenhuma é superior à outra. Nenhuma é anterior à outra. A ficção, segundo a fórmula de Coleridge, lembrada oportunamente por Borges, requer “a willing

suspension of disbelief”, aquilo que o jovem Borges chamava de transsonhação tolerada pela convicção e pela rotina, “una transoñación consentida por el engrimiento y el hábito”. Hermann Soergel (o erudito shakespereano), David Brodie (o autor do relatório), Alejandro Ferri (o representante em “O Congresso”) ou, em outras palavras, os últimos Borges, estão todos entreverados (ou, como ele diria, *interwoven*) com o primeiro. Aceitando a idéia de que, dispersada a leitura, resta na memória apenas uma síntese mais ou menos arbitrária dos textos lidos, o sujeito (a escritura) se define, desta sorte, como efeito residual ou terminal, como esvaziamento e não como ratificação de categorias históricas ou psicológicas tais como linguagem, subdesenvolvimento, *Tertium Orbis*.

Em *Inquisiciones*, o primeiro Borges insiste na idéia da subjetividade como resto, a personalidade como ninharia. Uma e outra vez, martela, em “La nadería de la personalidad”, que não há um eu total: “equivócase quien define la identidad personal como la posesión privativa de algum erario de recuerdo”. A identidade é *posição* mas não *possessão* e, nesse sentido, diferença, porque diante dos infinitos estados de consciência, não espanta que muitos deles aconteçam de novo *de forma borrosa*. Borges não chega a impugnar a percepção sensível imediata mas antes critica a reiterada antítese entre o *eu* e o *não eu* e, talvez mais do que isso, combate a idéia de que essa antítese seja uma constante. Lemos na *Vida* de Torres Villarroel, nos diz, que os sentimentos se superpõem em simultaneidades que alguns chamam de loucura, mas que configuram uma polifonia perceptiva a que mais tarde Baudelaire daria nome, o castigo de si próprio: “je suis le soufflet et la joue”, o sopapo e a face. A questão borgeana reside em admitir que, num mundo de ficções enganosas, só há verdade na ficção; daí que o simultaneísmo deixe de ser, em seus textos, uma qualidade que se imita para ser uma quantidade que se desdobra, uma narrativa que torna e retorna.

O relatório de Brodie, o derradeiro Borges, precede o primeiro na cifra de uma identidade infinita, idéia ilustrada pela parábola de Aquiles e a tartaruga, que nos mostra que, frente ao irracional, o homem está sempre *rezagado*, atrasado. Contra toda ilusória vanguarda, retaguarda: o zagueiro antecede o dianteiro. Whitman, Kafka, Picasso (os exemplos, descontínuos, são do próprio Borges) derrotaram Aquiles. Como a vida, portanto, é verdadeira, não há realidade por trás da realidade nem verdade encoberta por falsidades. Essa ontologia hermenêutica radical define o sujeito como “un punto cuya inmovilidad es eficaz para determinar por contraste la cargada fuga del tiempo. Esta opinión traduce el yo en una mera urgencia lógica sin cualidades propias ni distinciones de individuo a individuo”.⁸

8. Idem. *Inquisiciones*. Buenos Aires: Proa, 1925, p. 95.

Assim, Rosendo Juarez, que fica na zaga, naqueles exercícios de narrador tímido da *História universal da infâmia* (e que, a rigor, já aparecera em uma outra ficção, anterior à primeira, “Hombres pelearon”), retorna em uma das últimas, a “História de Kosendo Juarez”, incluída no derradeiro relatório de Brodie, e onde o que conta, aquilo que, de fato, definiria textos e memórias, é o procedimento. Neste relato diferido, e em sua referência dilatada, “las armas no, los hombres pelearon”.

Em outro retorno, “O etnógrafo” (de *Elogio da sombra*), o candidato a cientista Fred Murdock, em cujo nome já repercutem restos de crimes, também se vê modificado pelo objeto de estudo escolhido (a cultura de fronteira), com o qual, porém, admite ter aprendido “algo que no puedo decir” e que, entretanto, “podría enunciarlo de cien modos distintos y contradictorios”. O segredo, sinistro e incomunicável, conduz Murdock ao silêncio de uma nova profissão, a de bibliotecário. Na biblioteca, então, o caráter residual e radical de texto e memória conjugados se transfigura em *unending rose* ou moeda de ferro, *vaciadero de basuras*.

* * *

David Brodie é, como Murdock, etnógrafo. Seu relato sobre os yahoos alegoriza uma identidade terminal. Yahoo: *Iago* mas também *iugum* (que dá o trabalho do *jugo* e o êxtase da *iôga*). Ou ainda *la joue* baudelairiana, face, mas também carranca, figura de proa que se atira ou joga ao desconhecido. Yahoo *ya yo* ou meras identidades residuais. Os yahoos são nômades e, portanto, brutais: não têm nome próprio, donde desconhecem a paternidade. Como os pacáas-novos do Pará, descritos por esse outro Murdock-Brodie que é *O turista aprendiz*, os yahoos ocultam-se para comer ao passo que fazem suas necessidades na frente de todos. Aglomeram-se no pântano, sob o rigor do sol equatorial e dos miasmas. Sua noção de limites é precária, como a dos índios de *Buenos-Aires*. Mas o traço marcante é que lhes falta memória: desconhecem a duração e, portanto a história, mas eles têm previsão. Os yahoos não são uma nação primitiva mas degenerada, um bárbaro do qual, entretanto, “será injusticia olvidar rasgos que lo redimen”. Os yahoos “representan, en suma, la cultura”, a identidade em cifra de alteridade. Os yahoos são o enigma. Édipo, o Minotauro ou o Tigre. O homem-animal, o ser de fronteira, o *tiers-instruit*.

Os *struldbrugs* complementam os yahoos. São os imortais de Balnibarbi, pura memória, “hombres odiosamente capaces de caducidad pero no de muerte, voraces, decrepitos, inmortales”.⁹ Os yahoos, entretanto, são mortais. Eles vão morrer.

9. Idem. “Aldous Huxley – *After many a summer*”, *Sur*. Buenos Aires, dez. 1939, p. 64.

O que Borges encontrou em um escritor de fronteira como Swift? “Un sueño antropométrico que en nada roza las complejidades de nuestro ser [...] quiere demostrar que las bestias valen más que los hombres. Exhibe una virtuosa república de caballos conversadores, monógamos, vale decir, humanos, con un proletariado de hombres cuadrúpedos, que habitan en montón, escarban la tierra, se prenden de la ubre de las vacas para robar la leche, descargan su excremento sobre los otros, devoran carne corrompida y apestan. La fábula es contrapoduciente, como se ve. Lo demás es literatura, sintaxis”.¹⁰

Mas seu propósito, com “O relatório de Brodie”, é aproveitar a parte nutritiva que encerra a matéria fecal,¹¹ resgatando, assim, nessa dialética ou vaivém, uma das chaves de nossas impossibilidades.¹² Afinal, o que passa pelo esfínter, passa, pela Esfinge e nos coloca, literalmente, em um aperto. O mal-estar gera a esfinge mas a esfinge não gera o horror.¹³ Não é por acaso, então, que o melhor de outro escritor de fronteira, outro irlandês, Oscar Wilde, seja, a seu ver, “The Sphynx”, “donde el contacto con la realidad es más tenue.”¹⁴ Em outra ocasião, analisando *The Croquet Player* de H. G. Wells, Borges observou que “la esfinge describe con toda perplejidad un monstruo variable; ese monstruo es el hombre que la está oyendo. Wells describe una región de pantanos envenenados en la que ocurren hechos atroces; esa región es Londres o Buenos Aires y los culpables somos tu y yo”,¹⁵ diferença, a rigor, trivial e fortuita porque, como lemos no exergo do primeiro livro – na *joue* e no jogo do Livro – *nuestras nadas poco difieren*.

O que Borges consegue com “O relatório de Brodie”? Não um relato realista, que não é, de fato; mas uma ficção que, sequer fugazmente, tangencia as complexidades do ser e hesita, de forma também fugaz, entre a ênfase nas diferenças e a descoberta das semelhanças. Parte dessa hesitação se encerra na recomendação final, que, como diz Beatriz Sarlo, é enigmática mas poderia ser entendida como a conclusão de um estudo comparativo elidido, fantasma.

Essa análise contrastiva do que Brodie deve ter encontrado em Glasgow e Borges em Buenos Aires, verdadeiro exercício de crítica comparada, ainda que não escrita, merece ser reconstruída. Ela mostra não apenas a verdade da ficção mas, ainda, o fingimento de toda verdade. Tudo nos leva a supor nela um anteparo aos calamitosos totalitarismos contemporâneos. Algo nos permite imaginar, entretanto, uma crítica à apatia do pluralismo e ao niilismo da diferença. Esse *algo*, dimensão intervalar do ficcional, hiato ou fenda textual que rearticula a memória, combate uma política linear da diferença. Se tomarmos, com efeito, o sionismo como representante dessa política

10. Idem. “Arte de injuriar” in: *Obras Completas*, Buenos Aires: Emecé, 1974, p. 422.

11. Idem, *ibidem*.

12. Em “Nuestras imposibilidades” (Sur, Buenos Aires, primavera de 1931, pp. 131-134), Borges dedica sua análise da dialética fecal, a sodomia, “a los apologistas de la viveza, del alacraneo y de la cachada”. A partir desse texto, Daniel Balderston apresentou, no I Congresso Internacional de Teoría Literaria (Universidade de Buenos Aires, jul. 1993), uma reflexão sobre o homoerotismo no autor de *Ficciones*.

13. BORGES, Jorge Luis. *Textos cautivos*. Barcelona: Tusquets, 1986, p. 303.

14. Idem, *ibidem*, p. 135.

15. Idem, *ibidem*, pp. 84-85.

integrista, o texto borgeano não permite dúvidas “este nacionalismo es el más exorbitante de todos pues la imposibilidad de invocar un país, un orden, una bandera, le impone un cesarismo intelectual que suele rebasar la verdad. El nazi niega la participación del judío en la vida alemana; el judío, con injusticia igual, finge que la cultura de Alemania es cultura judía.”¹⁶ Uma advertência contra a correção política.

16. Idem, “Algunos parecen en Nietzsche”, op. cit.

O relatório de Brodie é a memória simiesca e simulada de um animal sem memória, liberado do jugo do tempo. É o relatório que um usurpador – alguém que detém a memória, Brod ou Brodie – escreve para uma Academia. É um relato residual e infinito, brando, que dá nome aos outros relatos da série, excedidos em nome e memória.

Jorge Luis Borges morreu a 14 de junho de 1986. Nesse dia, um de seus melhores leitores brasileiros, Alexandre Eulálio, rabiscou um *aide-mémoire* “Borges desce aos Infernos discretamente, como sempre viveu, sem querer incomodar ninguém num sábado – ele que continua a ser o último e maior e o mais realizado escritor deste século de descrições e conseguiu dar um sentido mais límpido às Palavras da tribo. Borges ou da literatura. Borges ou da memória: como o seu personagem Funes, ele viveu uma só vasta insônia, soturno lugar da lembrança. Motivo pelo qual há de atravessar a pé enxuto o rio Letes, que a poeta inglesa Edith Sitwell diz fluir verde na planície distante. O esquecimento não terá domínio sobre esse autor de uma certa lacunosa *História de la eternidad*, meramente argentina”.